

Estevão Silva

Gonzaga Duque¹

¹ In: Contemporâneos (pintores e escultores), Rio de Janeiro, Typ. Benedicto de Sousa. 1919. Texto extraído de: Mostra do Redescobrimento: Negro de Corpo e Alma. Nelson Aguilar (org.). Fundação Bienal de São Paulo. São Paulo. Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000, p. 324-325..

Anteontem pela manhã os seus amigos o encontraram serenamente morto, sobre o sofá em que dormia em quarto ao lado do ateliê. À primeira vista julgaram-no adormecido, tal era a expressão mansa, calma, de sua fisionomia, mas a imobilidade rígida do seu corpo lançou no espírito deles essa cruel suspeita, momentos depois comprovada pela verificação dos médicos. Estevão adormecera na Morte, pensando talvez na sua arte, nos seus quadros, no que devia fazer amanhã... Incauto que foi, nem reparou, nenhum pressentimento teve de que deitava-se para todo o sempre. Morreu dormindo, e a serenidade do seu semblante fez acreditar que ele não sofreu a menor agonia, cerrou as pálpebras e ficou-se na paralisação eterna da vida extinta.

Estevão pertencia a última geração da Academia de Belas Artes; fora companheiro de estudos de Firmino Monteiro, Medeiros, Luís Teixeira, Paganni, Belmiro e outros. Ainda encontrara em frente dos cavaletes, na sala térrea do modelo vivo, Henrique Bernardelli, Rodolfo Amoedo, Augusto Duarte, Almeida Júnior e Leôncio Vieira, e com eles conviveu na camaradagem profissional, estreitíssima, íntima para alguns, quase exagerada, porque o seu coração era um altar de culto; ídolo que ali entrasse dificilmente seria descido, e para tanto, para chegar a esse procedimento extremo, tornar-se-ia preciso que se lhe pagasse a idolatria com a mais golpeante das ingratidões, retribuindo tudo quanto ele podia ter oferecido em amizade com o mais irreverente desprezo.

Essa dedicação, essa humildade adorável e fiel, como que inconsciente, espontânea, tinha-a ele em elevado grau, cuja origem creio estava nos impulsos e tendências fisiológicas de sua raça. Descendente de africanos, conservando ainda traços profundos e radicais, era o que se pode chamar um belo tipo, retinto, forte, alto, fisionomia insinuante, onde havia o que quer que fosse de franco e bom. Estimava-se ao primeiro encontro porque lhe não escasseavam predicados sociais; tinha prodigamente o dom da simpatia, na facilidade da palavra, no atilamento do olhar, na maneira cortês, mesclada de um recato natural e compreendido, de tratar. E sobretudo aquela bondade inata que exarava-se na prática das menores ações, numa opinião emitida, num feitio, até mesmo na queixa, fazia-o digno de toda a estima.

Bom, poder-se-ia chamá-lo, muito bom, e que o digam aqueles que o conheceram de perto, aqueles que sabem o que ele fez pela memória de Leôncio Vieira, o que esse foi para o infeliz Paganni, roído por uma tísica traiçoeira, vacilante, enganadora, incurável. Que o contem seus companheiros íntimos. Feitos serão esses eternamente gravados na memória dos que o estimavam, porque se não perdem exemplos bons nem se apagam ações benfazejas.

Possuía muita força de vontade, muita energia de ânimo, para cingir-se ao egoísmo, para viver só, reclusamente, absorventemente consigo próprio. Foi com essa força, foi com essa energia, tenacidade de aço, persistência, teimosia de trabalhador e visionário, que chegou a fazer-se artista, porque teve que lutar corajosamente contra os estúpidos preconceitos de sua cor e contra o abandono em que se achava, paupérrimo, desprotegido, isolado, sem meio, sem sociedade, sem esperanças serenas abertas no claro conforto de um lar abundante. E, fez-se, vencendo dificuldades esmagadoras, que seriam bastantes para abater outro espírito,

que não tivesse a resistência heróica do seu.

A sua arte é o que ele foi, produto idiossincrático da sua organização. Tem muito de sua alma, parece-me, e tem tudo da sua inquebrantabilidade volutiva. Acreditar-se-á, é possível, que por serem frutos os assuntos prediletos do pintor, a sua especialidade, o elemento psíquico não transparece neles, como se, nos contornos de um espaldar de cadeira, no bojo de um vaso, na face de um contador, não pudesse ressaltar a nota expressivista de um sentimento, e mais: a história de uma alma em dado momento!... Que é essa exuberância brilhante de tintas, em quadro do malogrado artista, senão a sensibilidade de sua visão, senão o amor pelos efeitos violentos, força e esforço dele próprio, que luta, que vê assim e que assim o quer?

Essa prodigalidade de vermelhos, de amarelos e de verdes não é nem pode ser mais do que um reflexo transfiltrada do seu instinto colorista, vibrátil sensações bruscas, como é peculiar a raça de que veio. Quase se lhe não encontram atenuações, meias tintas, doçuras e esbatimentos; reparem-se os frutos que viveram na tela, ao contato criador de seus pincéis – cor segura mas quase simples, sobretudo de um eclatante efeito de ruborejamentos intensos de cajú e amarelidões vibrantes de mangas, sem combinação de grama. Devera ser assim a sua alma, devera ter dessas visões ásperas, barulhentas, de colorido selvagem, a sua fantasia.

Quem, como ele, vem de uma rude raça oprimida, e vem sofrendo, e vem lutando, não tem a nebulosidade grisata, dificultosa, meândrica, enovelada dos finos; vê sempre sanguíneo, vê sempre desesperadamente amarelo. Repare-se, agora, o contraste brusco das sombras cuja cor nunca conseguira perder, apesar do tom pesado, algumas vezes muito violento que punha nos seus quadros. É negro, sem leveza, nem transições. O colorido quente, intenso gritalhão de seus frutos, reunido à escuridão das sombras, dá aos quadros, mesmo aos menores, um aspecto de rudeza que domina a destrói a macieza aveludada, a delicadeza voluptuosa com que tratava alguns espécimens da natureza frutífera dos trópicos.

Mas isso não pode ser taxado defeito; longe de tal, era mais individualismo, mais característica duma simplicidade Irrefletida, natural de quem está produzindo só por si, e não tem melhor guia que a sua própria vocação, que falha artística ou desregramento eurítmico da sensação da cor. E desse vigor, mesmo, direi, desse exagero, provinham a vida e a frescura dos seus frutos olentes, saborosíssimos à força de serem verdadeiros

Ainda, para quem o acompanha através da sua obra, esmerilhando, estudando, investigando a individualidade desse artista que começa a ser, a tomar lugar definido, a impor-se, como precisamente se deve dizer, encontra em todos os detalhes, em todas as minudências da obra sintetizada, englobada indistintamente, a férrea força de vontade que o animava, a qualidade mais útil que o distinguia por entre a enervada geração contemporânea, defeituosa, impotente, doentia e dispersa. Talvez que devido à influência agravante do meio educativo, ou melhor, do meio íntimo, convivencial, a sua aptidão artística, tão notável pelo profundo impressionismo da cor, desenvolvera-se lenta, acanhadamente, na sua parte subjetiva, isto é, no tocante a força criadora que em arte moderna deve dar pelo nome sugestivo de agrupadora.

E é precisamente isso o que mais se repara e se lhe censura, como falha. O gosto da composição, o sentimento fino, Impressionante do grupo, a qualidade estimada e imprescindível da harmonia do todo, que é uma resultante da compleição, fatal nas artes imitativas, falharam-lhe durante muito tempo. Os primeiros quadros de Estevão, encerrando grande soma de verdade no desenho e no colorido, pecavam pelo desleixo do ensemble, satisfaziam bem mediocrementemente pela combinação harmônica das partes. Dispersão de objetos, colocação desataviada, implanimétrica, detalhes mal escolhidos, asperezas de folhas simetricamente distribuídas em fundos vazios, ou falta de contrastes atenuantes, eram reais, notados à primeira vista, e que, tomados em diferentes quadros, reunidos em exposição, desagradavam à retina e caíam em delicto flagrante do bom gosto e das exigências estéticas, muito precisas para serem tidas como caturrice de convenção acadêmica. Se se ignorassem as causas motivadoras desse defeito, enorme seria a concepção feita ao seu talento especialista; e, mesmo pelo exposto é que o considero uma vocação extraordinária, promissora dos mais belos e decididos progressos.

Foi lentamente, a poder de esforços inteligentes, de distendimento intuitivo, de perseverança e de observação, que ele veio preencher essa lacuna, eliminando essa grande falha, que se lhe adotara pela atuação do meio, como o encrostamento da ferrugem se agarra ao ferro por ação do tempo. E venceu. É uma das mais elogiativas conquistas da vontade que em arte se pode encontrar. A exposição realizada, há tempos, na sala rez-do-chão do escritório do Paiz prova-o clara e terminantemente. Em duas das maiores telas expostas a composição cingia-se a uma linha delgada o bastante para não ferir a vista, cheia, completa pela disposição dos objetos e, com o intuito altamente decorativo e artisticamente justo de diminuir a monotonia das cores violentas metera em assunto acessórios apropriados, de linhas mais combinadas e mais contrastantes, tais como Jarros, fruteiras, flores, panejamentos, que aumentavam o encanto do quadro, valorizando a sua importância.

Nessa exposição encontrei ainda mais um progresso do laborioso artista, que constata o alto preço em que ele tinha a sua arte - um pequeno quadro com um cacho de bananas bolorentas, acabado com um cuidado extremo, uma verdade admirável de cor e forma. Flaubert, no seu orgulho de artista convicto, dizia a Maupassant n'oubliez point ceci, jeune homme, que le talent – Suivant le mot de Buffon - n'est qu'une longue patience. Travaillez. E Estevão Silva trabalhou sempre, quando la alcançar o fim-oh! O fim, em arte, é o infinito! - quando entrava na posse completa das suas forças, a morte garrotillou-o num momento, roubou-lhe a alma, deixando dele, apenas, o corpo frio, insensível à voracidade muda da terra.